

REFLEXÃO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE A EDUCAÇÃO FAMILIAR E A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Manuela Benvinda Vieira Gomes Cachadinha¹

INTRODUÇÃO

Com esta comunicação pretende-se apresentar alguns dos resultados a que se chegou depois da realização de alguns estudos sobre a educação no Distrito de Viana do Castelo.

Na senda de várias preocupações teóricas e práticas que são próprias da Sociologia da Educação, os trabalhos desenvolvidos tiveram como principal objectivo analisar as relações existentes entre a socialização realizada no seio da instituição familiar e a integração escolar das crianças.

Englobou-se naquilo a que se designou “processo de socialização familiar” o conjunto de circunstâncias e características das famílias que contribuem para um determinado desenvolvimento escolar e social dos alunos.

Procurou-se definir e delimitar aquilo que poderíamos considerar como integração escolar das crianças e, por razões operatórias, restringiu-se o significado da expressão ao “sucesso escolar formal”.

Há algum consenso relativamente à importância da colaboração entre as escolas e as famílias e entre as escolas e as comunidades envolventes para se conseguir mudanças educacionais efectivas. Assistimos a uma crescente aceitação do princípio de que as escolas, as comunidades e as famílias partilham responsabilidades no progresso académico das crianças e jovens. O sucesso escolar dos alunos relaciona-se com o desenvolvimento social, físico e social dos mesmos. O interesse pelo desenvolvimento integral da criança impõe que as escolas, as comunidades e as famílias aprendam a colaborar.

Há um reconhecimento crescente da importância de mudar a formação inicial e contínua dos professores, de maneira a capacitá-los para melhor responderem aos imperativos da reforma educativa, incluindo o saber educar/formar crianças provenientes de grupos minoritários.

Neste trabalho apresentamos algumas conclusões resultantes da investigação efectuada junto de alunos do 1.º ciclo do ensino básico e dos seus professores e familiares.

Para além de procurar conhecer as relações existentes entre a educação familiar e a educação escolar, este estudo tem também a intenção prática de aumentar a sensibilização dos docentes do ensino básico para os factores e mecanismos extra escolares que condicionam a integração escolar dos seus alunos. Esta sensibilização visa, em última análise, a promoção do sucesso escolar dos alunos.

1 - A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES ESCOLA/FAMÍLIA

Foram muitos os autores que constataram a importância das relações escola/família para o sucesso escolar dos alunos.

Anna Henderson (1) fez uma extensa revisão da bibliografia sobre o assunto e chegou à conclusão de que, quando os pais se implicam na educação escolar dos

¹ Professora Adjunta da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo

filhos, estes obtêm maior sucesso. Certamente, não há apenas uma forma adequada de envolver as famílias na vida escolar. As escolas devem procurar dar um leque variado de opções. O contacto entre escolas e famílias deve incluir diferentes meios (escritos e orais, individuais e grupais) e um elevado grau de intensidade e regularidade.

Os resultados positivos do envolvimento dos pais no aproveitamento escolar fazem-se sentir nos diferentes graus de ensino e nos diferentes estratos sociais.

Segundo Comer, é importante “trabalhar cuidadosamente com os pais até termos a certeza de que os primeiros projectos são bem sucedidos. O sucesso trás o sucesso e a autoconfiança e, como resultado, os pais ficam mais motivados para participarem ainda mais. Quando os pais têm uma relação positiva com os professores, eles podem ajudar os filhos a terem um comportamento correcto na escola”. (2)

Pudemos constatar o que acabamos de referir através da investigação empírica que fizemos junto de pais e professores do 1º ciclo do ensino básico em Viana do Castelo.

A verificação da massificação do insucesso escolar, assim como, a divulgação de trabalhos no domínio da Sociologia da Educação que põem em evidência a selectividade escolar em função da pertença sociocultural, levaram a concluir que os programas de estreitamento das relações pais/escolas tem efeitos benéficos no aproveitamento escolar dos alunos.

Quando se procura aproximar os valores promovidos pela e na escola aos valores das famílias, quando a escola não ignora o meio social de proveniência dos alunos, a aprendizagem ocorre com mais facilidade.

Sabemos que é cada vez maior o número de escolas com populações estudantis socialmente heterogéneas, nas quais os alunos, os professores e as famílias têm raízes culturais diversas, gerando nos alunos e até nos professores problemas de adaptação à escola. A continuidade cultural entre as famílias e as escolas é um factor de promoção do sucesso escolar.

“Estas afirmações ajudam-nos a compreender o que acontece a um aluno que chega a uma escola que lhe oferece um currículo sem continuidade com a sua cultura familiar. Diferenças de linguagem, de cor de pele, de proximidade e distância entre pessoas de formas de tratamento e regras de comportamento tornam mais difícil que o aluno seja capaz de aplicar as suas experiências e conhecimentos passados às novas aprendizagens escolares. Confrontados com grandes descontinuidades entre a casa e a escola, incapazes de se integrarem na cultura escolar e de aplicarem as suas experiências passadas a novos contextos, estes alunos podem rejeitar ou ignorar a nova informação e continuarem a usar as antigas estruturas mentais”. (3)

Apesar de se ter constatado o peso da relação família/escola no aproveitamento escolar, devemos referir também o peso, em Portugal, de uma longa tradição de separação que dificulta o sucesso dos programas de envolvimento dos pais na vida escolar.

“Só muito recentemente, começou a ser abalada a tradição centralista das escolas portuguesas. Por tradição, os pais habituaram-se a entregar os filhos às escolas e a demitirem-se do seu papel de educadores. Os professores habituaram-se a aceitar essa posição de passividade dos pais”. (4)

2 - CULTURAS E INSUCESSO

São diversas as causas que se apontam para o sucesso/insucesso escolar das crianças. Centrar-nos-emos aqui sobre algumas vertentes sociológicas do

problema que tem sido consideradas, por diversos autores, como tendo “importância estratégica” na sua explicação.

Sabemos que a criança quando chega à escola, não é um receptáculo vazio. Ela é o produto de uma influência transmitida pelos adultos com quem conviveu até ao momento. Estes adultos constituem uma fonte de saber onde capta a memória social do grupo com o qual se identifica. O tipo de relação existente entre os “saberes culturais” (saberes que a criança já adquiriu quando chega à escola e que a vão acompanhar para sempre) e os “saberes oficiais” (saberes que lhe são transmitidos pela escola durante a sua passagem temporal pela mesma) vai condicionar a resposta do aluno à escola e a sua integração na mesma.

Deparamo-nos então com as atitudes valorativas e com a necessidade de mudanças nas atitudes dos respectivos professores, no sentido de se conseguir fazer a ponte entre os “saberes culturais” e os “saberes oficiais”.

Uma variável social estratégica que medeia a relação entre as características culturais das pessoas e os resultados escolares é a forma de linguagem. Os trabalhos desenvolvidos por B. Bernestein (5) e outros sobre esta temática partem da constatação da íntima relação entre estrutura social e formas de relação social e da estreita associação entre a origem social e as formas de linguagem utilizadas.

Na perspectiva de B. Bernestein e de outros autores, “embora a correspondência entre classe social, tipo de família e código linguístico não seja perfeita, ela pode explicar muita das diferenças no desempenho escolar entre os filhos da classe trabalhadora e da classe média” (6).

A organização escolar, fazendo apelo e facilitando um tipo de linguagem predominantemente formal, com a subjectividade na avaliação, com uma hierarquia conceptual complexa e com uma significação independente do contexto, tenderia a originar situações de continuidade ou de descontinuidade entre a sua ordem simbólica e a dos meios familiares, com consequentes impactos socialmente diferenciados.

A “organização da escola, exigindo de muitas crianças uma alteração no seu sistema de significados, de papéis sociais e de controlo social, está a reduzir a capacidade de resposta dessas crianças” (7).

Contudo, e seguindo a lógica de Bourdieu e Passeron (8), é importante introduzir a questão do poder de classificar e de definir o ideal de educando e de comunicante. É necessário dizer que há áreas de incompatibilidade, na comunicação que se processa dentro da escola, que não resultam directamente da correlação de forças, na “pluralidade estruturada de hierarquias e tensões sociais”, mas sim, de diferenças sociais e de incapacidades institucionalizadas de acolher essas diferenças, integrando-as de forma objectiva. Elas permitem “que o sistema educativo possa assegurar o privilégio pelo simples jogo da sua lógica própria, servindo os privilegiados sem que estes tenham que se servir dele” (9). Há que introduzir a questão do poder, pela via analítica, num espaço de autonomia relativa.

Em sociedades democráticas e pluralistas, o direito à diferença deve conjugar-se com o direito à igualdade de oportunidades para contrariar as discriminações, não de capacidades mas, de modos social e historicamente praticados de utilização dessas capacidades (códigos culturais).

3 - REFLEXÕES À VOLTA DO INSUCESSO ESCOLAR EM PORTUGAL NAS ÚLTIMAS DÉCADAS

Nas últimas décadas, em Portugal, sobretudo nas anos que se seguiram ao 25 de Abril de 1974, verificou-se uma massificação crescente do ensino e também uma preocupação crescente com a justiça social e com as condições de acesso ao

sistema educativo. Tentou-se que os constrangimentos de carácter económico das famílias não fossem impeditivos do acesso dos alunos à educação. Implementaram-se sistemas de apoio económico e social aos alunos provenientes dos estratos sociais menos favorecidos. Procurou-se também alargar a escolaridade básica obrigatória quer em termos etários quer em termos de população abrangida.

Retomando as palavras de S. Stoer, “ em que diferia a educação em Portugal no final da década de 70 da educação no princípio da década de 70? (...)referimo-nos aos anos 70 como uma década que tornou clara a ligação entre a democracia e a educação em termos de uma forma de ensino baseada na comunidade, significando 1) que a educação, e mais geralmente a cultura, desempenha um papel vital construção e manutenção duma sociedade democrática e 2) que para a educação ser democrática tem que ser participativa e igualitária. Na verdade, no final da década de 70, a comunidade que constituía Portugal já não era a mesma do princípio da década” (10)

Contudo, persistiram diversos problemas em torno do insucesso escolar que tinham (e têm) a ver com as dificuldades na aquisição de conhecimentos fundamentais proporcionadores de automatismos (nomeadamente a aquisição de leitura e escrita) que permitiriam aos alunos aprendizagens fundamentais institucionalizadas pelos currículos escolares.

R. Iturra realizou alguns estudos sobre o insucesso escolar no meio rural português do pós 25 de Abril. Ele considera que o insucesso escolar “consiste na dificuldade que a criança tem no ensino primário em aprender, em completar os quatro anos de escolaridade dentro do tempo previsto, em obter notas altas pelo seu trabalho escolar, e em continuar os seus estudos até chegar, idealmente, ao ensino superior, técnico ou profissional”. (11)

Por diversas razões, os estudos sobre a educação e sobre o sucesso escolar proliferaram de tal modo que o conceito de igualdade de sucesso ou igualdade de resultados apareceu na literatura sobre o assunto em Portugal.

A partir da igualdade de oportunidades chegou-se à conclusão, como já tinha acontecido noutros países, que as crianças, na sua generalidade, não são incapazes de compreender/aprender. Se todas tinham capacidades à partida, então era necessário que os professores e o sistema educativo criassem as estratégias para que todas aprendessem.

As Ciências da Educação expandiram-se, em Portugal, e passou a considerar-se que se deveria respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem e que todos os alunos deveriam terminar, com sucesso, a escolaridade obrigatória.

Face à persistência de situações consideradas como “insucesso escolar”, mesmo depois de diversas tentativas de reforma do sistema educativo, verificou-se a necessidade de encontrar mecanismos educativos adequados a cada caso. Passou-se a considerar o conhecimento do tecido social e cultural em que cada escola se insere como um dos elementos importantes para resolver os casos de “insucesso”.

4 - REFLEXÕES EM TORNO DO ESTUDO DE CASOS CONCRETOS NO DISTRITO DE VIANA DO CASTELO.

Um primeiro levantamento estatístico em diversas escolas deste Distrito permitiu-nos detectar diversas situações de persistência de casos que se poderiam considerar de “insucesso escolar” no 1º. ciclo do ensino básico. Na sua forma mais extrema e objectiva, este “insucesso” traduz-se na retenção dos alunos no mesmo ano de escolaridade.

Na tentativa de melhor compreender as referidas situações de “insucesso”, procurou-se conhecer algumas características concretas das famílias dos alunos, de quatro escolas, com problemas de “insucesso escolar”.

Retomando a tradição de vários trabalhos no campo da Sociologia da Educação, seleccionamos alguns indicadores concretos que nos permitissem responder à seguinte questão: “Será que o ambiente familiar e as condições socio-económicas das famílias interferem no sucesso escolar das crianças?”.

No desenvolvimento concreto da investigação procedemos, primeiramente, a uma triagem dos alunos com situações de “insucesso” e, posteriormente, ao lançamento de inquéritos por questionário aos pais e professores dos referidos alunos. Num segundo momento, foram efectuadas entrevistas às famílias dos alunos com situações de retenção no mesmo ano de escolaridade.

No universo das quatro escolas do 1.º ciclo do ensino básico que seleccionamos, debruçamo-nos sobretudo no conjunto dos alunos que não transitaram de ano, matriculados nos 2.º, 3.º e 4.º anos, uma vez que, no 1.º ano deste ciclo não existem retenções, sendo a transição para o 2.º ano obrigatória.

4.1. - O PESO DO INSUCESO

Deve dizer-se que, no conjunto das escolas seleccionadas, durante o ano lectivo de 1997/98 (12) cerca de 20% da população escolar susceptível de ser retida no mesmo ano, efectivamente, não apresentou aproveitamento escolar satisfatório. Segundo as actas de avaliação final das escolas, tal dimensão do “insucesso” reforça o cariz social do fenómeno, bem como, realça a urgência em encontrar soluções para o problema.

Segundo pudemos apurar, pelo menos em três das escolas seleccionadas, mais de metade das crianças retidas no mesmo ano de escolaridade pertencia a grupos socioculturais minoritários (crianças de etnia cigana).

Quando analisamos a repartição dos alunos retidos por ano de escolaridade, concluímos que, no universo dos alunos sem aproveitamento escolar, a maior percentagem encontra-se no 2.º ano (+/- 67%), sendo também elevada a percentagem de inêxito no 4.º ano (+/- 25%). Tal pode justificar-se pelos seguintes factos: o primeiro momento de triagem de conhecimentos verifica-se apenas no 2.º ano; o segundo grande momento de selecção verifica-se no 4.º ano, pois aos alunos exige-se um bagagem cognitiva que lhes permita integrar-se plenamente na fase seguinte (2.º ciclo do ensino básico) da suas carreiras estudantis.

É de referir que, no caso das crianças de etnia cigana com problemas de retenção no mesmo ano de escolaridade, uma das causas mais apontadas pelos professores para tal facto foi o absentismo.

Da análise dos dados recolhidos no universo em análise pudemos verificar que os fenómenos de reincidência não podem considerar-se como muito significativos, verificando-se apenas em 15% do total de casos de insucesso.

4.2. - NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS PAIS

No sentido de melhor conhecermos as características socioculturais das famílias dos alunos das escolas seleccionadas, procuramos indagar sobre o nível de escolaridade da totalidade dos pais dos alunos (do 2.º, 3.º e 4.º anos) que as frequentavam. Procuramos depois avaliar as relações entre as habilitações académicas dos pais e o sucesso escolar dos seus descendentes.

Classificamos o nível de escolaridade dos pais de acordo com a seguinte tabela:

Habilitações Académicas		Pai %	Mãe %
1	Não sabe ler nem escrever	1	10
2	Sabe ler e escrever - não concluiu a 4ª. classe	11	8
3	4º. ano de escolaridade (antiga 4ª. classe)	40	33
4	6º. ano de escolaridade (antiga 6ª. classe)	23	25
5	Curso unificado (9º. ano)	10	15
6	Ensino secundário (curso complementar) ou 12º. ano	9	5
7	Ensino médio	1	0
8	Ensino superior	5	4

Da leitura da tabela 1 podemos concluir que mais de 50% dos pais e das mães tem habilitações de nível igual ou inferior ao 4º. ano de escolaridade (antiga 4ª. classe), sendo que apenas cerca de 25% dos mesmos tem habilitações a partir do curso unificado/9º. ano.

Depois de fazermos uma leitura mais aprofundada relativamente ao nível de escolaridade dos pais dos alunos, conjugando-a com os dados obtidos através das entrevistas, pudemos constatar que, em pelo menos três das escolas, uma importante percentagem dos pais com menos do quarto ano de escolaridade pertencia à etnia cigana.

Posteriormente, classificamos o sucesso escolar dos alunos segundo diferentes níveis, de acordo com a seguinte estratificação:

A - Alunos não transitados

B - Alunos transitados com deficiência a 2 ou mais disciplinas

C - Alunos transitados com deficiência a 1 disciplina

D - Alunos com aprendizagem plena

Após a estratificação acima apresentada procuramos conhecer a relação entre o nível de escolaridade dos pais e o nível de sucesso dos alunos.

Assim, pudemos chegar às seguintes conclusões:

– Independentemente do nível de sucesso dos alunos, o nível médio de habilitações dos pais é baixo, sendo que o nível máximo das habilitações dos pais verifica-se no nível **D** e, em caso algum, a média é superior ao curso unificado/9º. ano;

– Os níveis de escolaridade média do pai e da mãe variam no mesmo sentido do êxito dos alunos, evidenciando a importância que este factor tem no sucesso escolar dos alunos;

– Em média, o pai tem habilitações superiores às da mãe, independentemente do grupo de sucesso escolar;

– As médias das diferenças entre as habilitações dos pais exceptuando para o grupo **D**, evoluem no sentido inverso do sucesso escolar, ou seja, à medida que a heterogeneidade média das habilitações dos pais vai diminuindo, aumenta o nível de sucesso escolar.

As conclusões a que chegamos vêm confirmar a pertinência de algumas teorias desenvolvidas por diversos autores que trabalharam no domínio da Sociologia da Educação, nomeadamente autores como Pierre Bourdieu e Basil Bernstein.

4.3. - ANÁLISE DA SITUAÇÃO SOCIOECONOMICA DAS FAMILIAS DOS ALUNOS RETIDOS

Após o inquérito efectuado junto das famílias dos alunos retidos no mesmo ano, cabe destacar alguns aspectos que consideramos relevantes para a compreensão das relações existentes entre o ambiente social familiar e o sucesso escolar.

Assim, cabe dizer que 63% dos alunos retidos tem irmãos a frequentar a escolaridade obrigatória, dos quais 73% apresentam no seu historial escolar problemas de insucesso, pelo que poderemos inferir a influência crucial do contexto familiar no êxito escolar dos alunos.

Dada a dificuldade em auscultar os inquiridos quanto ao seu nível de rendimentos, optamos por uma caracterização das famílias nos seguintes aspectos:

Idade da habitação, serviços básicos e bens de uso corrente. Atendendo a que as respostas aos inquéritos implicaram a presença de inquiridores nas residências dos alunos, podemos completar aquilo que foi respondido pelas famílias dos alunos com observações directas feitas *in loco*.

No que concerne ao tipo de habitação, apesar da esmagadora maioria das famílias dos alunos retidos viverem em habitações com menos de 20 anos, pode considerar-se que +/- 25% destas habitações se encontra em avançado estado de deterioração.

Quanto aos bens de uso corrente, apercebemo-nos que a televisão, a rádio e o frigorífico estão presentes na grande maioria das habitações.

Praticamente 100% das habitações dispõe de água canalizada e são servidas pela rede pública de saneamento.

A precariedade do nível de vida destas famílias não é perceptível pela falta de equipamentos domésticos essenciais mas sim, pelo avançado estado de degradação destes, realidade que foi observada directamente pelos inquiridores.

4.4. - REPRESENTAÇÃO DA ESCOLA PARA AS FAMILIAS

Levantamos um conjunto de questões com a pretensão de conhecer a representação que as famílias dos alunos retidos tem da instituição escolar. Assim, pudemos constatar o seguinte:

- Cerca de 90% dos pais encara a escola como um meio de preparação social e pessoal das crianças;
- Cerca de 100% dos pais encara a competência do docente como o factor mais importante para o sucesso escolar dos alunos, sendo de realçar que apenas 15% dos pais considera o apoio prestado aos filhos como um factor importante no sucesso escolar dos mesmos;
- Relativamente ao apoio prestado pelos pais na realização dos trabalhos escolares dos alunos, deve referir-se que 11% dos pais e 32% das mães declararam prestar esse apoio frequentemente; 56% dos pais e 16% das mães declararam prestar esse apoio às vezes; 33% dos pais e 26% das mães declararam prestar esse apoio raramente; 0% dos pais e 26% das mães declaram nunca prestar esse apoio;
- As famílias das denominadas classes médias, com maiores níveis de escolarização, são as que mais declararam dar apoio aos filhos na realização dos seus trabalhos escolares;
- Relativamente à justificação para a falta de apoio na realização dos trabalhos escolares dos seus filhos, deve dizer-se que a esmagadora maioria declara a falta de conhecimentos;
- Relativamente aos contactos entre pais e professores ao longo do ano deve dizer-se que 6% dos pais e 11% das mães declaram que eles são frequentes; 22% dos pais e 53% das mães declararam que eles existem às vezes; 33% dos pais e 16% das mães afirmaram que eles existem raramente; 39% dos pais e 20% das mães declararam que eles nunca existem.

Fizemos uma auscultação junto dos professores das escolas relativamente às características dos pais dos alunos que, sistematicamente, não vão às escolas e concluímos que são sobretudo os dos estratos sociais mais baixos. Pudemos também concluir que nas escolas onde há uma importante representação de crianças de etnia cigana, são de facto os pais (masculinos) das crianças desta etnia aqueles que menos contactam com a escola.

Os factos que acabamos de apresentar vêm confirmar estudos feitos noutros países sobre a mesma temática. Estes estudos referem que são sobretudo os pais pertencentes às classes médias e altas aqueles que mais se envolvem na educação escolar dos filhos.

É de salientar que são os alunos que detêm um capital cultural que está mais próximo daquele que a escola valoriza, aqueles que têm mais apoios e reforços positivos no seu percurso escolar.

CONCLUSÃO

Cientes de que uma grande multiplicidade de variáveis se encontra implicada no problema do sucesso/insucesso escolar das crianças, tais como condicionantes de natureza familiar, de natureza sociocultural, inadequação dos conteúdos programáticos às particularidades e motivações individuais, restringimos a nossa investigação ao estudo da influência do meio familiar.

A referida investigação ainda se encontra em curso pelo que as conclusões a que neste momento podemos chegar assumem necessariamente um carácter provisório.

Quanto ao “insucesso” nas escolas que foram e são o nosso objecto de estudo, há que referir a relação existente entre o nível de escolaridade dos pais e o sucesso/insucesso escolar dos filhos. Tal afigura-se-nos como algo de suma importância, pois permitiu-nos inferir as seguintes relações: famílias com baixa escolarização dos pais tem maiores dificuldades em apoiar os estudos dos seus descendentes, pode mesmo dizer-se que possuem uma menor sensibilidade para o papel determinante da escola no futuro dos filhos; estas famílias dispõem de menores oportunidades de ascensão económica, nem sempre disponibilizando (por que não as possuem) as condições materiais desejáveis para o sucesso escolar das crianças.

Nos casos estudados, verificamos que uma parte importante das crianças com insucesso escolar pertence a um grupo étnico minoritário com características específicas que condicionam a integração escolar. A grande maioria das famílias ciganas com filhos a frequentar a escola dedica-se à venda ambulante. Este género de actividade económica condiciona muitas das situações de absentismo escolar.

Mais do que relações causais confirmadas pela estatística, o trabalho de investigação que levamos a efeito permitiu-nos verificar a ocorrência de determinados quadros sociais relativos às habilitações académicas e à situação socio-económica dos pais na generalidade dos casos de insucesso escolar.

NOTAS E REFERÊNCIAS

- (1) Henderson, Anna, *The evidence continues to grow: Parent involvement improves student achievement*. Colombia, MD: Nacional Committee for Citizens in Education, 1987.

- (2) Comer, J., *Maggi'es American Dream*, New York, New American Library, 1988, p. 219.
- (3) Davis, Don, *Os Professores e as Famílias - A colaboração possível*, Lisboa, Livros Horizonte, 1997, p. 26.
- (4) Op. Cit. p. 27.
- (5) Bernestein, B. (trad. Francesa), *Lengage et Classes Sociales*, Paris, Ed. Minuit, 1975.
- (6) Costa, Luís, *Culturas e Escola - A Sociologia da Educação na Formação de Professores*, Lisboa, Livros Horizonte, 1997, p. 41.
- (7) Domingos, A. M. e outros, *A teoria de Bernestein em Sociologia da Educação*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986, p. 81.
- (8) Bourdieu, P. ; Paseron, J. C. , *Les Héritiers - Les étudiants et la culture*, Paris, Editions Minuit, 1985.
- (9) Op. Cit. p. 43.
- (10) Stoer, Stephen, *Educação e Mudança Social em Portugal - 1970-1980, uma década de transição*, Porto, Afrontamento, 1986, p. 257.
- (11) Iturra, Raul, *A construção social do insucesso escolar*, Lisboa, Escher, 1990, p. 14.
- (12) Ano a que se reporta a investigação.